

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2009

GRANDES HEROÍNAS TRÁGICAS (I)

Clitemnestra, no *Agamémnon* de Ésquilo

Clitemnestra representa, nas tragédias que conservamos de Ésquilo, ao lado de Atossa, o tipo da soberana responsável pela autoridade do Estado na ausência do monarca, em tempo de guerra. Os diálogos em que estas figuras intervêm têm por interlocutor, na estrutura dramática, sobretudo o Coro, de cortesãos ou homens próximos da corte, como uma espécie de espelho do próprio soberano. Assim se viabiliza o confronto de duas sensibilidades, masculina e feminina, sobre o que seja o interesse público; como mulheres, as rainhas representam sobretudo a reacção da sociedade civil, da população que não participa directamente no combate, que não colhe as coroas do sucesso, mas sobre quem recai, em boa parte, as suas consequências.

Ao lado dessa actuação pública, estas soberanas têm também um lado pessoal, uma personalidade própria, expressa em sentimentos e emoções ligados à sua condição feminina, de esposas e mães. Nessa dupla perspectiva de mulheres e rainhas, desenvolvem, em relação aos seus concorrentes masculinos, atitudes poliédricas: ora assumem um papel de lealdade e a guarda intransigente do poder até ao regresso do seu legítimo detentor, ora alimentam um ódio e uma raiva mortal pelos que consideram rivais das suas próprias aspirações.

Ésquilo começa a desvendar a personalidade de Clitemnestra na *Oresteia* desde os primeiros versos do *Agamémnon*. Pelo testemunho de um servo, de vigia a um sinal de regresso do senhor do palácio, ela é caracterizada como a mulher 'que domina', dona de uma natureza ' máscula e de espírito ansioso' (10-11). Percebemos que, na ausência do marido, ela usa de uma prepotência abusiva e imprópria da sua qualidade de mulher, que, por isso, ameaça a normal reintegração do soberano no seu regresso; como é patente que a fidelidade, que comporta um sentido de submissão, é incompatível com a natureza desta Clitemnestra. E se são simples, quase ingénuas, as palavras do servo, o seu depoimento ganha força no comentário do Coro (258-260), mais próximo da autoridade régia: 'Venho prestar homenagem, Clitemnestra, ao teu poder. Porque é correcto manifestar

respeito à esposa de um monarca, quando se encontra vazio o trono do marido’.

Quando Clitemnestra entra em cena, a sua actuação é confirmativa da expectativa deixada. Mesmo se despojada de aparato, a própria naturalidade da sua atitude não deixa dúvidas sobre o ascendente, público e doméstico, que faz dela a responsável pelo acolhimento do rei, cuja chegada se anuncia. Lúcida na leitura dos sinais de que as tochas são o primeiro arauto, Clitemnestra antecipa, diante dos velhos do Coro, a previsão dos acontecimentos na hora da queda de Tróia: os trâmites do combate e a atitude, previsivelmente cruel, dos Gregos vencedores. Não lhe falta clarividência e segurança na avaliação do comportamento masculino no campo de batalha. Esse mesmo ascendente político é o primeiro sintoma de um cinismo profundo, quando se escuda sob a fragilidade falsa do que chama ‘ideias de uma simples mulher’ (348), um perfil que lhe não assenta e que nem as circunstâncias consentem. De resto, o Coro é uma voz de alerta, no comentário com que lhe desmascara a hipocrisia (351): ‘Mulher, são de um homem sensato essas tuas palavras de prudência’.

Depois da confirmação, feita pelo arauto, da vitória alcançada em Tróia, o regresso de Clitemnestra a cena, para executar cerimoniais de acção de graças (587-614), é acompanhado de maiores razões de júbilo. Nesta vinda ao convívio público, a rainha adopta uma nova atitude, toda entregue a uma euforia íntima, como que alheia a um sentimento de solidariedade a partilhar com os que a cercam, todos eles celebrantes do mesmo júbilo. Clitemnestra faz da vitória uma causa sua, e chama a si, sem interferências, a recepção doméstica do soberano e marido. A personagem que agora domina é sobretudo a esposa: é ela que festeja o regresso de Agamémnon, que lhe franqueia as portas da casa, que lhe afirma uma fidelidade absoluta. Vemo-la então desdobrar-se num jogo de falsidade para esconder a ousadia máscula dos seus verdadeiros desígnios.

O público prepara-se para o encontro conjugal, da filha de Tíndaro com um Agamémnon vitorioso e de há tanto tempo ausente (855 sqq.). É patente uma certa ousadia nas palavras, protestos de amor, ditados por uma exaltação que é, em simultâneo, verdadeira e falsa. Ninguém duvida do seu prazer em ver chegar o objecto dos seus anseios, abandonada por um marido há tanto tempo ausente e confrontada com a volta de um concorrente às suas aspirações. Mas, depois de recordadas as angústias da ausência, ei-la que se concentra na cerimónia de triunfo, que é já parte de um plano. A entrada do monarca no palácio está sob seu controle. Para a ultrapassar, Agamémnon

tem de lhe acatar os desígnios. Por entre elogios e protestos de amor, de facto é Clitemnestra quem domina e quem atrai a sua vítima a uma cilada. Com argumentos capciosos, seduz para o tapete de púrpura, como símbolo de homenagem e de traição, o rei, o marido e o homem.

Capturada a sua primeira vítima, Clitemnestra regressa ainda para chamar Cassandra, a favorita do marido, parte integrante da sua vingança. É perante a rival, que Agamémnon insensatamente lhe recomendara, que a rainha de Micenas põe de lado fingimentos e patenteia, sem reboços, a raiva que a domina. Uma surpresa a esperava. À submissão cega da sua primeira vítima, responde a clarividência da segunda. Diante de uma Cassandra, que se reserva o direito de aderir, de livre vontade, ao seu destino, Clitemnestra sofre uma primeira derrota.

Está porém aberto o caminho à realização dos seus objectivos e já Cassandra, a profetisa, os antecipa em emocionadas visões. Clitemnestra vai eliminar, de modo ignóbil, o guerreiro glorioso, o marido traidor e o pai dos seus filhos. Sem encontrar oposição, a fêmea desfere o golpe e degola a sua vítima no cenário humilhante de uma banheira. A mulher máscula vence um inimigo desprevenido, não tanto pela força do braço como pela vantagem da astúcia. Várias são as razões centrais que a empurram para um comportamento *contra natura*: a dor da mãe privada da filha, Ifigénia, que o marido imolou às suas ambições; o ódio da esposa, insultada pela presença de uma rival; o ciúme da mulher, desafiada pela concorrência do senhor da casa. Como causa menor, acrescenta-se o adultério: Clitemnestra é ‘a leoa que dormia com o lobo, na ausência do leão’. Sobre o marido, a mulher infiel acrescenta mais um golpe, para cobrar a traição de alguém que também ela já traiu. O prazer com que vence o vencedor não lhe cabe no peito, escapa-se-lhe nos gritos de vitória.

Faltava, depois das previsões de Cassandra, que a porta do palácio se abrisse para servir ao público um espectáculo convincente de violência. Abatidos, cobertos de sangue, jazem os dois cadáveres, o do conquistador de Tróia e o da cativa troiana. Poderosa, domina a cena uma Clitemnestra em fúria, brandindo na mão a arma do crime. As palavras que então pronuncia produzem a revelação total dos sentimentos que a movem. A máscara da hipocrisia, com que escondia, por trás de alegrias e carícias, os verdadeiros propósitos, cai de vez. Clitemnestra entusiasma-se com a fúria e entrega-se ao prazer do acto consumado. Recorda, com gozo infinito, cada golpe e a cedência indefesa da sua vítima, enleada numa rede e limitada a ténues gemidos como única resistência. Perante a surpresa do Coro, Clitemnestra

desfia os motivos íntimos que ditaram a violência do golpe. Foi, primeiro, o sacrifício de Ifigénia que soltou os ventos da cólera, de uma mãe frustrada pela insensibilidade dos interesses masculinos, que condenaram a filha das suas entranhas a ser o preço de uma campanha ousada. Para dar ao seu acto uma dimensão sacra, faz das razões de uma mãe agravada um acto de justiça, que responde, a um sacrifício pedido pelos deuses, com uma nova vítima. Acrescenta ao golpe o prazer de uma desforra legítima, a que satisfaz o seu ciúme feminino.

Após a euforia da vitória, Clitemnestra como que começa a ceder à hostilidade que já se faz sentir em sua volta. As censuras do Coro, apenas as primeiras vozes reprovadoras, começam a minar a barreira protectora do seu orgulho e a impor, ao ódio, um sentimento de temor. Ao invocar a maldição a pairar sobre a casa de Micenas, Clitemnestra refugia-se na fatalidade como inspiradora do seu acto (1475-1480), para esbater os seus motivos pessoais, aqueles que espontaneamente lhe brotam dos lábios como razão primeira do seu crime.

Pela reacção dos velhos cortesãos, o público é chamado a prever, para o futuro de Argos, um outro rumo (1560-1566). É inegável que Clitemnestra cobrou, com um ultraje, outro ultraje, na aplicação de uma sentença taliónica. Mas com o seu acto, trouxe à consideração geral uma lei impositiva: ‘Ao culpado o castigo’. Com o enunciado desta regra, um novo ciclo se inicia, aquele que deixa em aberto, na geração que se sucede, mais um elo numa cadeia de vingança.

A Clitemnestra que reentra no palácio, ainda manchada pelo sangue das suas vítimas, detém, no momento, o poder inteiro sobre Argos. A seu lado, Egisto é simplesmente a encarnação de uma fragilidade quase feminina (1625-1626), que se submete à sua vontade poderosa. Mas já em volta ecoa a revolta de um povo que chora o seu rei assassinado, e espera, confiante na mesma justiça taliónica, a chegada de um novo vingador.

Agamémnon 1279-1284

Cassandra, a visionária, não deixa dúvidas sobre o futuro reservado à autora deste crime, vítima e algoz ao mesmo tempo, prometendo à causa popular satisfação.

ΚΑΣΣΑΝΔΡΑ

Οὐ μὴν ἄτιμοί γ' ἐκ θεῶν τεθνήξομεν·
ἦξει γὰρ ἡμῶν ἄλλος αὖ τιμάορος
μητροκτόνου φίτυμα, ποινάτωρ πατρός.
Φυγὰς δ' ἀλήτης τῆσδε γῆς ἀπόξενος
κάτεισιν, ἄτας τάσδε θριγκώσων φίλοις·
ἄξει νιν ὑπτίασμα κειμένου πατρός.

Não deixarão pelo menos os deuses impune a minha morte. Um outro virá, um vingador, filho nascido para matar a mãe e lhe cobrar o assassinio de um pai. Exilado, errante, banido desta terra, ele há-de voltar, para coroar a desgraça erguida pelos seus. O apelo de um pai morto lhe há-de conduzir os passos.

M. F. S. S.